É PRECISO QUE EU SUPORTE DUAS OU TRÊS LAGARTAS SE QUISER CONHECER AS BORBOLETAS: OS TIPOS DE CURRÍCULO EXPLICADOS POR MEIO DAS ALEGORIAS PRESENTES NA OBRA "O PEQUENO PRÍNCIPE"

I MUST ENDURE THE PRESENCE OF A FEW CATERPILLARS IF I WISH TO BECOME ACQUAINTED WITH THE BUTTERFLIES: THE TYPES OF CURRICULUM EXPLAINED THROUGH THE ALLEGORIES PRESENT IN THE LITERARY WORK "THE LITTLE PRINCE"

NECESITO APOYAR DOS O TRES ORUGAS SI QUIERO CONOCER MARIPOSAS: LOS TIPOS DE CURRICULUM EXPLICADOS A TRAVÉS DE LAS ALEGORIAS PRESENTES EN LA OBRA "EL PEQUEÑO PRÍNCIPE"

Thiago Rafael Machado[1]
Marilane Maria Wolff Paim[2]

RESUMO
O presente artigo tem como objetivo elucidar alguns dos aspectos fundamentais das teorias sobre currículo por meio das situações e personagens encontradas na obra O Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry. Com base nos estudos sobre currículo realizados por Apple (2002), Arroyo (2007), Moreira (2009), Sacristán (2013) e Silva (2016), pretende-se asseverar a importância do currículo na prática pedagógica dos educadores, buscando tornar compreensível que os documentos curriculares formalizados estão imbuídos de ideologias capazes de afetar o processo de ensino-aprendizagem. A partir desta investigação bibliográfica, e através do diálogo com a obra de Saint-Exupéry, evidenciou-se a não-neutralidade do currículo enquanto documento formalizado e a relevância do seu estudo para a compreensão de como os três tipos/níveis de currículo distintos interferem no cotidiano escolar. Percebeu-se a urgência em restaurar o *status* do educador como pesquisador/estudioso em educação, opondo-se à conformação ao papel de simples operário da educação, responsável pela reprodução de um ordenamento curricular capacitista e em sintonia somente com as demandas do mercado de trabalho. Por fim, constatou-se a extrema importância de que o conhecimento dos educadores sobre as teorias de currículo ultrapasse o currículo oficial/prescrito, comumente aceito como o "único tipo", por ser formalizado e verticalizado.
PALAVRAS-CHAVE: currículo formal; currículo real; currículo oculto; O Pequeno Príncipe.

ABSTRACT
This article aims to elucidate some of the fundamental aspects about curriculum theories through the situations and characters found in the literary work The Little Prince, by Antoine de Saint-Exupéry. Based on studies on curriculum carried out by Apple (2002), Arroyo (2007), Moreira (2009), Sacristán (2013) and Silva (2016), it is intended to assert the importance of the curriculum in the educators' pedagogical practice, seeking to make understandable that formalized curriculum documents are imbued with ideologies capable of affecting the teaching-learning process. From this bibliographic research, and through dialogue with the work of Saint-Exupéry, the non-neutrality of the curriculum as a formalized document and the relevance of its study for understanding how the three distinct types/levels of curriculum interfere in the school routine became evident. It was perceived the urgency to restore the educator's status as a researcher/scholar in education, opposing to the conformation in a role of simple education worker, responsible for the reproduction of an ableist curricular order and in tune only with the demands of the job market. Finally, it was noted that it is extremely important that educators' knowledge of curriculum theories goes beyond the official/prescribed curriculum, commonly accepted as the "only type", as it is formalized and verticalized.
KEYWORDS: written curriculum; taught curriculum; hidden curriculum; The Little Prince.

RESUMEN

[1] Instituto Federal Catarinense (IFC), Brasil. Orcid: 0009-0003-7967-1682
[2] Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Brasil. Orcid: 0000-0002-0733-6573

Revista Literatura em Debate, v. 19, n. 33, p. 261-273, jan./jun. 2024.
DOI: 10.31512/19825625.2024.19.33.261-273

Este artículo tiene como objetivo dilucidar algunos de los aspectos fundamentales de las teorías sobre el currículum a través de las situaciones y personajes encontrados en la obra El Pequeño Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry. A partir de estudios sobre currículo realizados por Apple (2002), Arroyo (2007), Moreira (2009), Sacristán (2013) y Silva (2016), se busca reivindicar la importancia del currículo en la práctica pedagógica de los educadores, buscando hacer comprensible que los documentos curriculares formalizados estén imbuidos de ideologías capaces de afectar el proceso de enseñanza-aprendizaje. A partir de esta investigación bibliográfica, y a través del diálogo con la obra de Saint-Exupéry, se resalta la no neutralidad del currículo como documento formalizado y la relevancia de su estudio para comprender cómo los tres distintos tipos/niveles de currículo interfieren en la vida escolar cotidiana. Se sintió la urgencia de restaurar el estatus del educador como investigador/estudiante en educación, oponiendo la conformación al rol de simple trabajador educativo, responsable de la reproducción de un orden curricular capacitista y en sintonía sólo con las exigencias del mercado de trabajo. Finalmente, se señaló que es extremadamente importante que el conocimiento de las teorías curriculares de los educadores vaya más allá del currículo oficial/prescrito, comúnmente aceptado como el "único tipo", ya que está formalizado y verticalizado.
PALABRAS CLAVE: currículo formal; currículo real; currículo oculto; El Pequeño Príncipe.

INTRODUÇÃO

A partir da etimologia, ou seja, o estudo da origem histórica das palavras, é possível apreender que o termo currículo vem do latim e refere-se a um percurso a ser realizado. Portanto, não é por acaso que esta palavra define a trajetória dos estudantes durante sua vida escolar, embora para a maioria dos profissionais da educação o conceito de currículo esteja inevitavelmente atrelado à ideia de uma lista de conteúdos a serem "vencidos". Arroyo (2007) alerta que os alunos **são necessariamente lembrados** nos processos de elaboração das propostas curriculares, mas que **não são obrigatoriamente vistos**, pois o ordenamento curricular é fundamentado nos componentes curriculares e não no aluno em si, enquanto ser humano e humanizado. Durante sua passagem pelo sistema educacional, o aluno está geralmente alheio à noção de currículo, tendo seu foco voltado para a experiência da aprendizagem. Na obra de Saint-Exupéry, que encantou leitores de todo o mundo e foi traduzida para mais de quatrocentos idiomas, a personagem-título é um principezinho, que sai da sua casa, um pequeno asteroide no qual vive só, tendo por companhia somente uma rosa, e percorre o espaço sideral visitando planetas e coletando experiências.

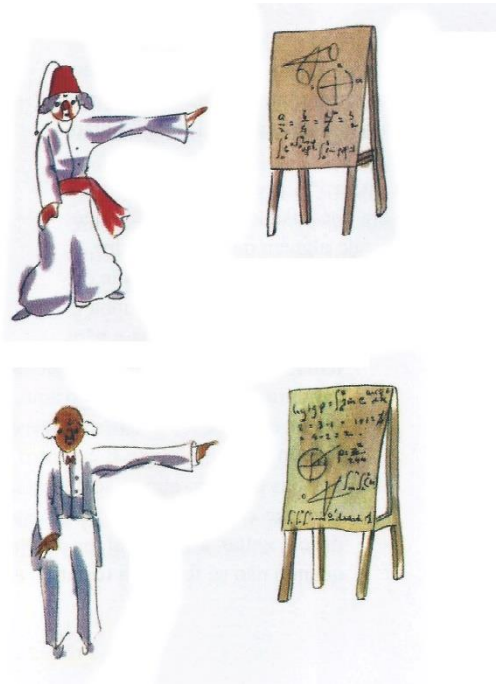
O Pequeno Príncipe, ao se colocar na posição de aprendiz, não tem ciência do caminho a ser percorrido ou do ordenamento dos conhecimentos que serão adquiridos ao longo do percurso. Seu interesse está focado na aprendizagem e nas possibilidades que os lugares e pessoas com diferentes saberes representam para o seu crescimento enquanto ser. Da mesma forma, as crianças, ao ingressarem na escola, trazem em si o anseio por novas descobertas, pelo maravilhamento produzido pelo entender o mundo por meio da ciência, estando indiferentes ao currículo em si, mesmo que imersos nele.

É dos educadores, portanto, a responsabilidade de que este processo curricular seja ressignificado por meio de um ensino de qualidade, comprometido com a manutenção do

interesse na aquisição de conhecimentos por parte dos alunos e que propicie a eles "o desenvolvimento de suas capacidades e potencialidades como sujeitos históricos e culturais, bem como garantir a apropriação de conhecimentos historicamente produzidos" (Moreira, 2009, p. 5). Lamentavelmente, ainda hoje o ordenamento curricular da maioria das redes de ensino está voltado para um aluno ideal, que destituído de dificuldades e adversidades que lhe possam atrapalhar a aprendizagem, caracteriza um protótipo de aprendiz que será moldado ao sistema de forma objetiva e eficiente - um futuro trabalhador - cuja subjetividade deve ser "apagada" em prol do bom funcionamento do capitalismo.

Logo no início da sua obra, ao explicar de onde viera o Pequeno Príncipe, Saint-Exupéry constrói uma interessante imagem dos adultos, os quais ele chama de "pessoas grandes". Ele compartilha conosco a informação de que o planeta no qual o principezinho morava era o asteroide B 612 e havia sido descoberto por um astrônomo turco em 1909, embora este não tivesse sido levado a sério por causa das suas roupas tradicionais, e que somente onze anos depois, estando elegantemente vestido por força de um regime ditatorial, pôde convencer o mundo da existência do asteroide ao repetir sua apresentação. Exupéry ressalta ser desnecessário informar estes detalhes ou o nome completo do asteroide, mas o faz por causa das "pessoas grandes", pois afirma que somente assim elas se darão por satisfeitas. Ele afirma que "é preciso não lhes querer mal por isso", uma vez que "as crianças devem ser muito indulgentes com as pessoas grandes".

FIGURA 1 – O astrônomo turco e suas vestes



Fonte: Aquarelas de Saint-Exupéry

Revista Literatura em Debate, v. 19, n. 33, p. 261-273, jan./jun. 2024.
DOI: 10.31512/19825625.2024.19.33.261-273

Assim, o autor faz refletir sobre o condicionamento que os adultos têm de ser objetivos, de se contentar com a padronização dos processos - e inclusive das pessoas - ao abandonar a criticidade construtiva e se conformar com discursos verticalizados, prática que, na educação, acaba por caracterizar a perda da identidade profissional dos professores. Por essa razão, se faz necessário recuperar o conhecimento historicamente acumulado como premissa fundamental do currículo, de modo a desmistificá-lo e também desmitificá-lo por meio de uma discussão permanente no interior das escolas, pois somente assim a compreensão do processo curricular e a sua dialética com a sociedade promoverá avanços, na medida em que o currículo corresponde ao verdadeiro coração da escola (Arroyo, 2007; Moreira, 2009).

Nesse sentido, o presente artigo busca elucidar alguns dos aspectos fundamentais das teorias sobre currículo. Para tanto, o debate se utiliza da obra "O Pequeno Príncipe", de Antoine de Saint-Exupéry, para estabelecer uma analogia entre as situações e personagens presentes na obra e os tipos de currículo encontrados no cotidiano escolar, de forma a evidenciar a não-neutralidade deste e a sua interferência no processo de ensino-aprendizagem. A investigação bibliográfica pautou-se nos estudos de autores como Apple (2002), Arroyo (2007), Moreira (2009), Sacristán (2013) e Silva (2016), cujas reflexões sobre currículo permitem uma análise acerca dos discursos e ideologias implementados, de forma explícita ou não, nos documentos curriculares formalizados e como tais discursos impactam a prática pedagógica dos educadores.

O texto está organizado, além da Introdução e Considerações finais, em três seções, a saber: i) "Desenha-me um carneiro... Ou como o Currículo Formal, Oficial e Prescrito pode não ser explícito"; ii) "Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos... Ou como o Currículo Real pode ser o verdadeiro responsável pela efetivação da aprendizagem"; e iii) "Cuidado com os baobás! Ou como o Currículo Oculto acaba por se enraizar nas práticas cotidianas"; sendo que em cada uma delas toma-se passagem da obra "O Pequeno Príncipe", para junto do aporte teórico, realizar as análises propostas.

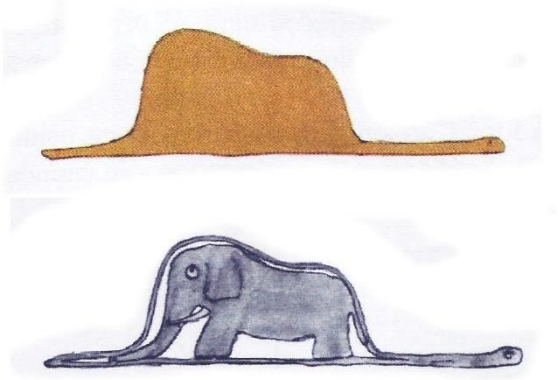
DESENHA-ME UM CARNEIRO... OU COMO O CURRÍCULO FORMAL, OFICIAL E PRESCRITO PODE NÃO SER EXPLÍCITO

A primeira interação entre o Pequeno Príncipe e o narrador-personagem (presumidamente o próprio autor) foi o pedido, por parte do príncipe, de que esse lhe

Revista Literatura em Debate, v. 19, n. 33, p. 261-273, jan./jun. 2024.
DOI: 10.31512/19825625.2024.19.33.261-273

desenhasse um carneiro. A questão sobre as habilidades artísticas do narrador já havia sido abordada no capítulo anterior, quando, ao falar de sua infância, afirma ter sido encorajado pelas "pessoas grandes" a dedicar-se às ciências exatas, pois seus desenhos eram incompreensíveis para elas. O narrador relata ainda ter carregado consigo durante a vida adulta aquele primeiro desenho - no qual havia representado uma jiboia que houvera engolido um elefante, mas que era constantemente confundida com um chapéu - na esperança de que os outros o entendessem, mas sem sucesso. Assim, limitava-se a falar de assuntos de adultos.

FIGURA 2 – "Isto não é um chapéu"

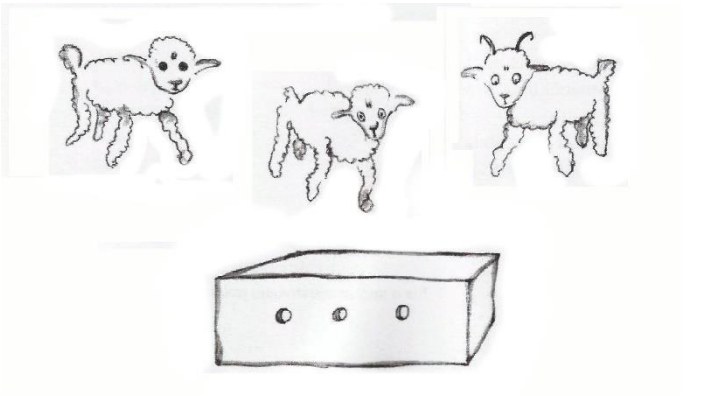


Fonte: Aquarelas de Saint-Exupéry

Na ocasião do seu primeiro encontro com o principezinho, apesar do espanto com suas características físicas, foi tomado pela preocupação de não ser capaz de atender ao pedido dele, mas o fez mesmo assim. Sua primeira tentativa foi recusada pelo príncipe, sob a alegação de que o carneiro parecia muito doente. O segundo foi recusado novamente por ter chifres, e por consequência, ser um bode e não um carneiro. Já o terceiro estava muito velho. Sem paciência, o narrador desenhou então uma caixa, a qual alegou ter dentro um carneiro. Isto convenceu o príncipe, que ficou feliz, pois sua única preocupação era que o animal não tomasse muito espaço no asteroide em que vivia.

FIGURA 3 – O carneiro velho, o carneiro doente, o bode e a caixa.

Revista Literatura em Debate, v. 19, n. 33, p. 261-273, jan./jun. 2024.
DOI: 10.31512/19825625.2024.19.33.261-273



Fonte: Aquarelas de Saint-Exupéry

Da mesma forma que o carneiro dentro da caixa, o currículo formal/oficial/prescrito pode não ser **explícito**, embora todas estas quatro alcunhas sejam utilizadas para nomeá-lo. Este tipo de currículo é pensado fora do ambiente escolar, chega à sala de aula de forma verticalizada por meio de diretrizes e propostas curriculares, e caracteriza-se, principalmente, por ser idealizado, pois os componentes curriculares (conteúdos) presentes nele visam o ensino de um aluno também idealizado, prototipado, desconsiderando as especificidades e subjetividades do processo de ensino-aprendizagem. Sobre uma aparente obscuridade presente no currículo formal, Sacristán (2013, p. 16) leva a refletir que

> ... afirmamos que o currículo é algo evidente e que está aí, não importa como o denominamos. É aquilo que um aluno estuda. Por outro lado, quando começamos a desvelar suas origens, suas implicações e os agentes envolvidos, os aspectos que o currículo condiciona e aqueles que são condicionados, damo-nos conta de que nesse conceito se cruzam muitas dimensões que envolvem dilemas e situações perante as quais somos obrigados a nos posicionar.

Logo, sendo o currículo **prescrito**, na maioria das situações, uma produção alienada à participação de alunos e professores, e que traz em sua própria denominação uma ideia de **receita**, de **ordenamento**, torna-se difícil compreender suas intenções elementares, haja vista que é necessário um olhar crítico que vá além das aparências contidas em uma seleção/organização de conteúdos e que capte a verdadeira essência do discurso presente nas diretrizes/propostas curriculares. Cabe aqui lembrar que todo discurso formalizado traz em si uma ideologia, e independentemente de seu propósito, faz-se necessário conhecê-la, pois, mais do que se contentar com a simples existência de uma diretriz curricular a ser seguida - a exemplo do Príncipe, feliz em se dar conta de que o carneiro caberia em seu pequeno planeta - é preciso que o educador entenda as implicações que tal discurso tem em sua prática pedagógica. Isso porque, por um lado, pode não haver aptidão por parte dele para reconhecer que o que se assemelha a um chapéu é, na verdade, uma jiboia que engoliu um elefante. Mas

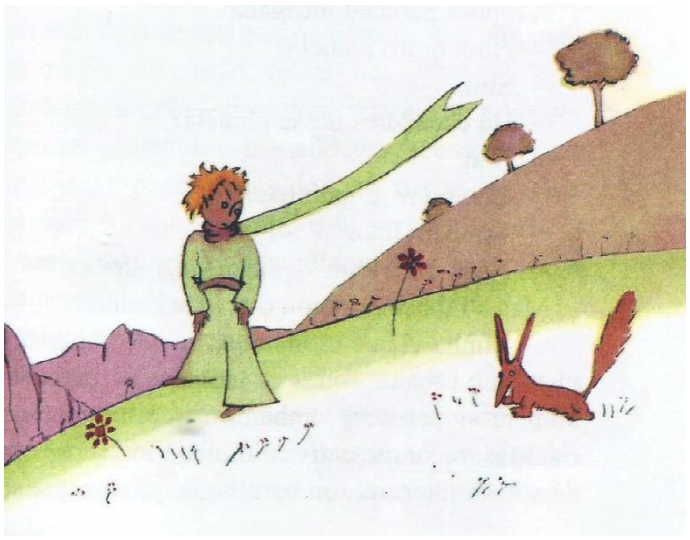
Revista Literatura em Debate, v. 19, n. 33, p. 261-273, jan./jun. 2024.
DOI: 10.31512/19825625.2024.19.33.261-273

o que mais preocupa é enxergar somente a caixa e não saber se o carneiro que está dentro dela está doente, velho demais ou até mesmo possui chifres, e por isso não é um carneiro, e sim um bode.

SÓ SE VÊ BEM COM O CORAÇÃO, O ESSENCIAL É INVISÍVEL AOS OLHOS... OU COMO O CURRÍCULO REAL PODE SER O VERDADEIRO RESPONSÁVEL PELA EFETIVAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Em um dos momentos mais emblemáticos da obra ocorre o encontro do Pequeno Príncipe com a Raposa, a qual lhe ensina sobre os laços de amizade. A Raposa diz a ele ser necessário cativá-la, ou seja, ganhar sua confiança para que, aos olhos do Príncipe, ela se torne única e importante, posto que todos os homens a veem e caçam como uma raposa igual a qualquer outra, interessada somente em se alimentar de galinhas. Nesta melancólica passagem, a Raposa faz uma crítica à superficialidade dos homens, que não despendem mais tempo para criar laços de amizade e por isso tornam a vida monótona. Ela afirma que, ao ser cativada pelo principezinho, terá motivos para ser feliz, pois ambos criarão um rito e que seus dias serão diferentes, pois a imprevisibilidade dos seus encontros produzirá nela um sentimento de expectativa e alegria, uma vez que "o essencial é invisível aos olhos".

FIGURA 4 – "Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas"



Fonte: Aquarela de Saint-Exupéry

Revista Literatura em Debate, v. 19, n. 33, p. 261-273, jan./jun. 2024.
DOI: 10.31512/19825625.2024.19.33.261-273

A prática da Raposa, ao ensinar o principezinho sobre amizade segundo a relação que se estabelece entre eles, sua vivência e modo de pensar, é o que caracteriza, em educação, o **currículo real.** Neste tipo de currículo imaterial, o professor, tendo como base o currículo formal/oficial/prescrito, **efetiva** o processo de ensino dos componentes curriculares à medida que vai realizando as adaptações necessárias para que ocorra a aprendizagem. As estratégias e metodologias por ele utilizadas têm por objetivo **cativar** os alunos de modo a estabelecer conexões entre o conhecimento científico e o cotidiano destes, em razão de este tipo de currículo ser constituído a partir de um planejamento (plano de aula), que tem sua origem em um texto público (diretrizes/proposta curricular), somado à práxis (o ensino deste plano), e cuja importância fundamental reside no efeito que produz nos destinatários (a aprendizagem) (Sacristán, 2013).

Dessa forma, o currículo real deslegitima a visão de aluno ideal construída pelo currículo formal/oficial/prescrito, pois necessita ir ao encontro das diversas identidades sociais facilmente encontradas em uma sala de aula, algo que, caso não ocorra minimamente, será um obstáculo para o processo de ensino, como assevera Arroyo (2007, p. 23):

> O ordenamento curricular não é neutro, é condicionado por essa pluralidade de imagens sociais que nos chegam de fora. Imagens sociais de crianças, adolescentes, jovens ou adultos nas hierarquias sociais, raciais ou de gênero, no campo e na cidade ou nas ruas e morros. Essas imagens sociais são a matéria prima com que configuramos as imagens e protótipos de alunos. Imagens sociais, docentes e escolares com que arquitetamos os currículos. Toda tentativa de reorientação curricular exige rever essas imagens sociais dos educandos, indagando-nos como condicionam os currículos.

Convém salientar que o currículo real não é formalizado, ou seja, as adaptações realizadas pelo educador na sua práxis cotidiana geralmente não preveem alterações no plano de aula em uso (mas que devem ser consideradas nos planejamentos seguintes), visto que este é concebido previamente, e embora compreenda as estratégias/metodologias a serem utilizadas no processo de ensino, não é capaz de prever com exatidão o resultado das interações em sala de aula. Sacristán (2013, p. 30, grifos do autor) esclarece que

> Toda experiência pedagógica, toda ação didática supõe o propósito de mediação, correção e estímulo da experiência do encontro entre um sujeito que exerce uma série de funções sobre o sujeito que detém um conteúdo, ou desenvolve diversas capacidades, de modo que sejam transformadas e enriquecidas tais funções e capacidades que, de maneira geral, chamamos de **aprendizagem**. Para que este encontro seja frutífero, o conteúdo tem de ser significativo, relevante e desafiador, características que têm maior probabilidade de entrar presentes se o encontro também tiver sido adequadamente **mediado** e se for motivador.

Revista Literatura em Debate, v. 19, n. 33, p. 261-273, jan./jun. 2024.
DOI: 10.31512/19825625.2024.19.33.261-273

Sendo o ensino um processo **vivo**, uma prática social, está sujeito a uma pluralidade de fatores determinantes e se vê por eles **condicionado**, marcado por uma imprevisibilidade que, se utilizada a seu favor, passa ao status de **condicionante**, isto é, torna-se capaz de criar laços, produzir expectativas e suprimir a monotonia comumente instalada por uma educação pautada na simples transmissão de conteúdos, posto que o currículo real **é essencial, embora seja invisível aos olhos.**

CUIDADO COM OS BAOBÁS! OU COMO O CURRÍCULO OCULTO ACABA POR SE ENRAIZAR NAS PRÁTICAS COTIDIANAS

O baobá é uma árvore nativa dos continentes africano e australiano, de grande longevidade, que pode alcançar trinta metros de altura e mais de dez metros de circunferência. Os baobás eram considerados uma praga pelo Pequeno Príncipe, dado que, se os deixasse crescer, ele teria de lidar com a falta de espaço causada por eles no seu pequeno planeta, que poderia até acabar rachando por causa das enormes raízes. Este era o principal motivo que o levara a querer um carneiro: para que o animal devorasse as tais árvores ainda pequenas, pois ele sozinho não dava conta de arrancá-las. O principezinho explica ainda que os baobás requerem muita atenção, pois suas sementes são invisíveis e, ao nascerem, podem ser facilmente confundidas com quaisquer outras plantas, a exemplo de uma roseira, e que a sua remoção não é um serviço para preguiçosos, pois "se gente custa a descobri-lo, nunca mais se livra dele. Atravanca todo o planeta".

FIGURA 5 – Os baobás

Revista Literatura em Debate, v. 19, n. 33, p. 261-273, jan./jun. 2024.
DOI: 10.31512/19825625.2024.19.33.261-273



Fonte: Aquarela de Saint-Exupéry

Pode-se afirmar que o currículo oculto é o baobá da educação: suas sementes permanecem invisíveis no cotidiano escolar, e ao florescer, pode ser facilmente confundido com qualquer outra prática pertencente ao processo educativo. Entretanto, se permitido que cresça livremente, se enraizará e se tornará difícil de ser removido. Este conceito de currículo foi utilizado pela primeira vez por Philip Jackson, em 1968, no livro *Life in classrooms*, ao descrever as relações de poder estruturais e subjetivas existentes no ambiente escolar. Além de Jackson, Bowles e Gintis, Althusser e Bernstein corroboram com noção de que a função principal deste é a transmissão da ideologia de classe dominante por meio de atitudes, comportamentos, valores e orientações que devem ser apreendidas por crianças e jovens para que se ajustem às normas injustas de funcionamento da sociedade capitalista, sendo proveniente daí a sua adjetivação oculto (Silva, 2016). Sobre a natureza política e ideológica do currículo, Apple (2002, p. 41, grifo do autor) adverte que

> ... enquanto não levarmos a sério a intensidade do envolvimento da educação com o mundo real das alternantes e desiguais relações de poder, estaremos vivendo em um mundo divorciado da realidade. As teorias, diretrizes e práticas envolvidas na educação **não** são técnicas. São intrinsecamente éticas e políticas.

Apesar de sua denominação, o currículo oculto não está invisível na rotina escolar. Ele pode ser observado por meio de uma organização espacial e temporal semelhante ao ambiente fabril (alunos em fileiras, aulas de quarenta e cinco minutos determinadas por um sinal sonoro

Revista Literatura em Debate, v. 19, n. 33, p. 261-273, jan./jun. 2024.
DOI: 10.31512/19825625.2024.19.33.261-273

e prazos-limite para finalização de atividades), as relações de autoridade, recompensas e castigos (a postura do professor perante os alunos e os "combinados"); os papéis de gênero, etnia, classe social e discurso hegemônico, sendo que estes últimos são encontrados inclusive nos materiais didáticos. Com base nessas afirmações, é possível discordar de Silva (2016, p. 81) quando assegura que "numa era neoliberal de afirmação explícita da subjetividade e dos valores do capitalismo, não existe mais muita coisa oculta no currículo", pois Apple (2002, p. 54) contrariamente enfatiza que "uma significativa parte do aparato cultural desta sociedade está organizada de forma a não nos permitir uma visão clara do que está sobre a superfície".

Assim sendo, a tarefa de "desocultar" este currículo no dia a dia torna-se árdua, uma vez que professores e alunos se encontram imersos numa sociedade regida por um sistema cuja principal ferramenta de dominação é o uso da subjetividade a seu favor, objetivando a sua manutenção. Entretanto, mais importante do que desocultá-lo é que o educador possa enxergá-lo, pois somente ao distinguir os pequenos baobás das outras plantas ele poderá evitar seu crescimento e impedir que suas raízes se fortaleçam, causando danos maiores. Espera-se que sociedade seja um dia capaz de extirpar essas sementes do solo, de forma a garantir o desaparecimento do currículo oculto, substituindo-o por outras práticas pedagógicas mais éticas e igualitárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer e pensar currículo é uma atividade fundamental à prática pedagógica dos educadores, pois o processo de ensino-aprendizagem é afetado direta e indiretamente pelas ideologias presentes nos documentos curriculares públicos, os quais não podem ser percebidos como um simples ordenamento de conteúdos. Ao se realizar o diálogo com a obra de Saint-Exupéry, procurou-se elucidar alguns dos aspectos fundamentais das teorias sobre currículo por meio das situações e personagens encontradas pelo Pequeno Príncipe na sua jornada em busca de conhecimento. A personagem-título se depara com dilemas existenciais materializados nos comportamentos das personagens e situações que são facilmente relacionados aos tipos de currículo, haja vista a característica interacionista de ambos: o **percurso** realizado pelo principezinho resultou em aprendizado, efetivado pelo que pode ser considerado um exemplo de currículo **real.**

No capítulo quinze de O Pequeno Príncipe, a personagem-título visita o sexto planeta de seu itinerário e nele encontra um sábio geógrafo que escrevia livros enormes sobre a geografia de seu próprio mundo apesar de desconhecê-lo, pois na sua concepção de identidade profissional,

Revista Literatura em Debate, v. 19, n. 33, p. 261-273, jan./jun. 2024.
DOI: 10.31512/19825625.2024.19.33.261-273

seu ofício consistia somente em registrar as memórias dos exploradores que o visitavam, em virtude de ele mesmo não ser um explorador e por isso devesse permanecer preso à escrivaninha onde trabalhava. Ao se pensar no papel do educador a partir desta alegoria, percebe-se a urgência deste em recuperar o seu status de **pesquisador/estudioso em educação,** opondo-se à conformação ao papel de simples **operário da educação**, responsável pela reprodução de um ordenamento curricular capacitista e em sintonia somente com as demandas do mercado de trabalho.

FIGURA 6 – O geógrafo



Fonte: Aquarela de Saint-Exupéry

Somente ao se apropriar do conceito de currículo e participar de sua construção, o educador será capaz de atingir os seus objetivos pedagógicos pois, sobretudo, é essencial que este saiba que a seleção dos conteúdos afeta sua prática e implica diretamente na legitimação de uma ideologia, seja ela qual for. Silva (2016) salienta que a escola é responsável por transmitir ideologias de forma direta e também indireta, seja por meio de disciplinas que exprimem crenças explícitas, seja por meio de disciplinas mais técnicas, além de ratificar o modelo de sociedade desejado pela classe dominante. Sendo assim, é de extrema importância que o conhecimento dos educadores sobre as teorias de currículo ultrapasse o currículo oficial/prescrito, comumente aceito como o "único tipo", por ser formalizado e verticalizado.

Isso porque este tipo de currículo está imbuído de discursos que necessitam ser identificados e ponderados, e geralmente é direcionado a um perfil de aluno idealizado que não representa a maioria dos estudantes. A preocupação reside não somente em **o que** ensinar, mas sim em **por que** ensinar e **de que modo**, questões essas que somente podem ser respondidas ao pensarmos a materialização do currículo como um processo que inicia na sua elaboração (currículo formal/oficial/prescrito), passa pela sua efetivação (currículo real), sem

Revista Literatura em Debate, v. 19, n. 33, p. 261-273, jan./jun. 2024.
DOI: 10.31512/19825625.2024.19.33.261-273

deixar de atentar para os aspectos subjetivos desta prática (currículo oculto). Somente assim será possível ter certeza de que o carneiro que habita a caixa está saudável e será capaz de eliminar os baobás, que ainda pequenos, cresceriam e seriam responsáveis por atravancar a aprendizagem de crianças e jovens que só desejam ser cativados.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael Whitman. Repensando Ideologia e Currículo. In: MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa & SILVA, Tadeu Tomaz da. (Orgs.). **Currículo, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Cortez, 2002.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Educandos e Educadores: seus Direitos e o Currículo. In: BEAUCHAMP, Janete; PAGEL, Sandra Denise & NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (Orgs.) **Indagações sobre currículo: educandos e educadores - seus direitos e o currículo**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Brasília, 2007.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. Currículo: Conhecimento e cultura sobre a qualidade na educação básica. In: MENDONÇA, Rosa Helena (Org.) **Currículo: conhecimento e cultura - Programa Salto para o Futuro**. Ministério da Educação, Secretaria da Educação à Distância, Ano XIX, n. 1, abril de 2009.

SACRISTÁN, José Gimeno. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SAINT-EXUPÉRY, A. **O Pequeno Príncipe: com aquarelas do autor**. 49. ed. Tradução de Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Agir, 2015.

SILVA, Tadeu Tomaz da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias de currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SOBRE OS AUTORES

Thiago Rafael Machado
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto Federal Catarinense (IFC) Campus Camboriú/SC, Especialização em Língua Portuguesa e Literatura Infanto-juvenil pelo Instituto Ceneticista Fayal de Ensino Superior (IFES), Graduação em Letras: Português/Inglês e respectivas Literaturas pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI).
E-mail: thiagorafaelmail@yahoo.com.br

Marilane Maria Wolff Paim
Professora na Universidade Federal da Fronteira Sul/Campus Erechim (UFFS). Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Mestra em Educação e Ensino pela Universidade do Contestado (UNC), Especialização em Gestão da Escola Pública (UFSC), Especialização em Administração e Supervisão Escolar (FCLPAA), Especialização em Educação Psicomotora (UNIPLAC), Graduação em Pedagogia pela Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC).

E-mail: marilane.paim@ifc.edu.br

Artigo recebido em 01/12/2023.
Artigo aceito em 26/03/2024.